



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

WANESSA SOUSA DE MOURA

(entrevista)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-780

Entrevistada: Wanessa Sousa de Moura

Nascimento: não informado

Local da entrevista: Brasília, DF

Entrevistadoras: Mayara Cristina Mendes Maia e Adriana Gomes Zimmermann Fontanella

Data da entrevista: 17/05/2017

Transcrição: Leila carneiro Mattos

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 10 minutos e 45 segundos

Páginas Digitadas: 9 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte coordenado por Silvana Goellner.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação em Comunicação Social; Atuação no Ministério do Esporte; Envolvimento com o Programa Esporte e Lazer da Cidade; Atuação na parte de comunicação; Atividades desenvolvidas; Atuação como orientadora pedagógica; Avaliação dos convênios; Importância do Programa Esporte e Lazer da Cidade; Relevância das políticas públicas de esporte e lazer.

Brasília, 17 de maio 2017. Entrevista realizada com Wanessa Sousa de Moura a cargo das pesquisadoras Mayara Cristina Mendes Maia e Adriana Gomes Zimmermann Fontanella para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. – Bom! Wanessa, você poderia nos falar um pouco da sua formação e trajetória dentro da equipe de comunicação do Ministério do Esporte?

W.M. – Eu sou formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Vocês querem saber sobre minha história dentro do Ministério do Esporte ou algo geral?

M.M. – Geral!

W.M. – Geral! O Ministério é meu único emprego, eu nunca trabalhei em outro lugar. Quando eu era estagiária de jornalismo eu entrei no Ministério, isso em 2008, na Secretaria Nacional de Alto Rendimento que é a SNEAR. Então eu era jornalista para o Secretário Nacional, e o Chefe de Gabinete fazia matérias da SNEAR e mandava para a Aston¹, eles revisavam e publicavam. Depois de um tempo eles me convidaram para trabalhar no Departamento Universitário existem as parcerias com as universidades, todas as parcerias de jogos tipo Universiade, Jogos Universitários Escolares eram por meio dessa coordenação, então eu ajudava. Depois deixou de existir e eu trabalhei na Coordenação de Prestação de Contas do Objeto dos Convênios e fiquei um tempo lá também e depois fui convidada para a coordenação de eventos. Trabalhei um tempo, acho que um ano e pouco, com eventos, fazia todos os eventos nacionais e internacionais. [No meio de 2012 eu fui convidada para ir para o PELC² e estou lá até agora.

M.M. – E como aconteceu esse convite?

W.M. – Como que aconteceu? A coordenação de eventos, porque no Ministério acontece muito a flutuação, assim a chefia troca muito e extingue algumas coordenações de vez em quando. A coordenação de eventos ia ser extinguida e todos os funcionários teriam que ser

¹ Nome sujeito a confirmação.

² Programa Esporte e Lazer da Cidade.

distribuídos pra outras coordenações. A diretora na época me convidou para ir para uma coordenação, para o PELC ou de Emendas Parlamentares. Como a Ana³ sempre trabalhou com essa questão do Esporte e Lazer e tinha comunicação para fazer, tinha boletim, tinha essas coisas e era mais dinâmico, mais legal aí eu falei assim: acho que eu vou me interessar mais por essa parte. Emenda Parlamentar é muito jurídico, burocrático eu não gosto. Daí eu aceitei e eu fui para lá. No princípio eu analisava só os convênios e tal, mas depois, como eu sou formada em jornalismo, ela me pediu para ajudar em boletins, atualizar as redes sociais, ajudar na divulgação dos programas.

A.F. – E em que ano você foi para o PELC?

W.M. – Em 2012. No início eu só fazia os convênios mesmo, mas aí ela viu essa minha área e, claro, vamos ajudar com essa parte de comunicação, as fotos, tudo que era de comunicação. Eu a ajudava nos eventos, tomava frente e tal, tanto que quando a Silvana⁴ precisa de fotos para vocês falarem do PELC eu encaminho e são as fotos que tem direito autoral que vocês podem publicar.

M.M. – Então, dentro do PELC você atuou como jornalista entrando em 2012. Em que momento aconteceu essa transição?

W.M. – De não trabalhar mais tanto com o jornalismo?

M.M. – Isso! E entrando na sua função de hoje, que é...

W.M. – Sou orientadora pedagógica. Desde que entrei eu era orientadora pedagógica e jornalista, certo? Tirava foto, mas até assinava os meus e-mails como jornalista... Quando a Ana saiu eu parei de fazer um pouco de jornalismo e de redes sociais. Eu não faço mais, mas eu assessoro ainda o meu coordenador porque ele também é jornalista e quando ele precisa de texto eu ainda ajudo, mas não é mais tanto jornalismo.

³ Ana Elenara da Silva Pintos.

⁴ Silvana Vilodre Goellner, coordenadora do projeto Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável.

M.M. – Você pode nos explicar exatamente quais são as suas funções hoje?

W.M. – Eu prefiro dizer orientadora pedagógica!

M.M. – E quais são as atividades que você desenvolve como orientadora pedagógica?

W.M. – Eu oriento a entidade, os convênios... O tempo de cooperação que é com as universidades, a elaboração dos projetos pedagógicos. Eu ajudo a preencher para poder ficar de um jeito correto para passar, para ser aprovado para dar desenvolvimento. Eu acompanho a formação porque eles enviam o curso para gente e eu que tenho que acompanhar. A gente tem que fazer formação e eu recebo o relatório dos formadores depois que eles formam, eu faço parecer, e é mais técnico... Eu não sei dizer bem que sistema é esse!

M.M. – E para realizar essas atividades você passou por alguma capacitação? Houve treinamento?

W.M. – Assim, quando a gente vai trabalhar em qualquer setor do Ministério não tem muito isso de alguém que senta do seu lado que te ajuda um pouco. Você vai pegando no dia a dia. Não teve nenhuma capacitação para me ensinar isso, o Ministério não tem como custear, mas é por osmose... Brincadeira!

M.M. – Esses diálogos que você disse que tem com os convênios, você sente muita dificuldade de realizá-los?

W.M. – Não. Assim, depende muito da Prefeitura. Vamos dizer que em um montante de quinze, uns dois eu não consigo diálogo. É muito difícil conseguir, é tipo uma vez ou outra... Às vezes o convênio funciona mesmo com dificuldade... Às vezes quando tem uma capacitação gerencial como essa e a gente visualiza conversa e eles passam para o pessoal. Então, no momento do convênio, vai rolar essa proximidade e eu vou conseguir contato para poder realmente efetivar as atividades.

M.M. – Mas, a maioria acontece por e-mail, é isso?

W.M. – A maioria por e-mail ou contato telefônico porque normalmente quando a gente fazia contato telefônico não é oficial, não tem como provar, então, sempre oficializamos por e-mail.

M.M. – Entendi! E você trabalha como orientadora pedagógica diretamente só com o PELC ou trabalha também com o Vida Saudável?

W.M. – Com o Vida Saudável também. Na coordenação os dois programas são para todos os orientadores, então, é distribuído vamos dizer igualmente para todo mundo. E eu tenho PELC e Vida Saudável e às vezes ajudo na rede também na Rede Cedes.

M.M. – E você consegue sentir diferenças entre os dois programas nesse sentido de orientação?

W.M. – Não! Eu vejo diferença quando eu trabalho com o estado de São Paulo, quando é uma capital como Fortaleza a ou quando é no interior do Piauí. Eu sinto mais dificuldade no interior do Pará ... Quando é interior eu vejo dificuldade se a cidade é mais desenvolvida ou não. Mas não entre os programas.

A.F. – Dificuldade de comunicação?

W.M. – De comunicação e de instrução também, de entendimentos.

M.M. – E o que você destacaria do Programa PELC? Você disse que já trabalhou com eventos com outros espaços, qual você acha que é o principal destaque do PELC dentro das suas experiências?

W.M. – Primeiro, porque é política pública de esporte e lazer e as pessoas não tem essa dimensão e esse conhecimento que é um direito de todos e um dever do Estado. Que é um direito de todos os cidadãos e que eles não têm. Quando a gente leva o PELC eu vejo o o

quanto modifica a vida dessas pessoas. Não tem no PELC, mas no PST⁵ a gente identificou isso, de que era como esporte e lazer e virou uma atleta de alto rendimento. Então, assim, modificado pelas pessoas que elas estão em horários ociosas: crianças, adultos, jovens e modificar a vida deles, em doenças, em não fazer nada em casa e eles criam uma rotina de fraternidade de saúde que modifica a vida deles.

M.M. – Tem muitos convênios que você já trabalha e que vem acompanhando?

W.M. – Tem convênios que demora muito para estruturar eu ainda tenho convênios de 2012. Vamos dizer assim que eles teriam, em tese, que fazer a filtração em quatro meses, mas isso não acontece e vou prorrogando por ofício. Aí vai anos e anos, eu tenho convênio de 2012, vamos dizer assim, que ainda não começou a atividade. Eu tenho pouquíssimos que já estão desenvolvendo as atividades.

M.M. – E quais são os principais fatores que fazem que alguns consigam um andamento mais rápido?

W.M. – Eu tenho um convênio enorme que é em Manaus que já era para ter feito, mas não consegui porque não existe uma lei que consiga contratar aquela quantidade de RH⁶ porque são vinte e cinco núcleos do PELC. Aí são seis agentes vezes vinte e cinco e vai ter muita gente para contratar. Eu não tenho conseguido. Eu acho que vai acabar... Por exemplo tem uma série de dificuldades e sempre a contratação de RH ou licitação, execução.

A.F. – Isso é comum de acontecer ou são casos mais específicos?

W.M. – É comum! Vamos dizer, tem o vigente que são convênios estáveis certo? Pagou, ele está vigente e não significa que está desenvolvendo a atividade. Ele está em estruturação de cento e dois convênios, sei lá, vou te jogar por alto, vinte estão desenvolvendo a atividade.

⁵ Programa Segundo Tempo.

⁶ Recursos Humanos.

M.M. – E dentro desses que você já acompanhou pegando do início ao fim, vocês também têm acesso aos relatórios? Você consegue enxergar a importância do PELC dentro desses espaços?

W.M. – Consigo. Eu tenho convênios que eu peguei do início já encerrados, vamos dizer assim, e que enceraram... Fez uma diferença para o Município, modificou muitas vidas, eles desenvolveram um trabalho social... Por exemplo: artesanato, confecção de bolsas, de coisas artesanais que virou uma comunidade e começou a vender e gerou uma renda a partir daquilo ali. Ou então convênios que eu não participei, mas que municipalizaram por conta própria, conseguiram seguir com os próprios recursos... É difícil prosseguir sem recursos, mas quando consegue faz toda a diferença.

M.M. Tem alguma experiência dentro desses convênios que você pode nos contar, que digamos, ficou marcado em você?

W.M. – Em mim? Porque que eu não acompanho muito, eu fico sabendo pelos formadores e é isso mexe com a gente. Só que eu não vou te dizer e lembrar agora o nome do convênio.

M.M. – Tudo bem!

W.M. – Que eu vi material do formador que eles fizeram uma superfesta que motivou as pessoas, entrevistas, sabe, coisas que a gente já recebeu e que eu falei: isso fez a diferença! Mesmo as pessoas que trabalham com o PELC são bem humildes, eu gravei dois convênios tipo um vídeo institucional em Balsa Nova no Paraná e Ararendá no Ceará. Eu gravei esses dois e aí sim, nessa hora, você vê a diferença. As crianças sabem que horas vai começar, não sei o quê e aí vê aquele momento de gravação na cidade e é bem legal... As crianças, cara, aquilo ali é tudo para eles, um contraturno escolar, às vezes eles nem estudam, mas eles vão para o PELC.

M.M. – Você falou sobre alguma dificuldade de diálogo... O que você poderia apresentar para a gente como proposta que qualifica ainda mais o PELC?

W.M. – É para qualificar o atendimento que eu acho que é isso que conta. É importante não só números para o governo, assim, de atendimento para a população facilitar na divulgação, assim, mostrar que às vezes eu acho que o edital não chega a todas as pessoas apesar do Ministério da última vez fazer caravanas e tal para incentivar. Nem todo o país fica sabendo, acho que conseguir chegar com a divulgação do edital e orientar até para eles preencherem, porque normalmente isso é muito discutido em todas as capacitações que a gente faz. O edital, o planejamento pedagógico que ganha normalmente e de quem já fez... Você sabe como preenche ele ou de alguém que tem mais instrução, certo! Aí já vai ter nota menor quem não tem instrução, não sabe muito bem preencher, já vai ser penalizado por isso. Às vezes mudar o procedimento de avaliação, de planejamento pedagógico, anotar a forma como eles avaliam. Eu vejo, de mudar a estruturação, são quatro meses... Eu já conversei com gente que trabalha com essa parte financeira e falaram que é impossível conseguir estruturar em quatro meses que eles tinham pelo menos seis meses para conseguir fechar o ciclo. Acho que é isso, esses que já influenciariam a execução e a parte que mais influenciaria se eles facilitassem mais o procedimento, eu sei que não se envolve só os documentos obrigatórios do Governo Federal. A gente tem que ir em frente, mas nas diretrizes, mas eu acho que era o único lugar que a gente podia mexer aumentar para seis meses. Eu acho que não é problema nenhum e coisa do Ministério tem que avaliar, eu acho que tem outras instâncias que eu não tenho conhecimento, mas é a minha opinião.

M.M. – Em toda a experiência que você nos contou, você acredita que essa vida profissional afetou significativamente a sua vida pessoal?

W.M. – Na minha vida? Com certeza! Primeiro, trabalhar com no serviço público é completamente diferente do privado. Você se apaixona, no dia a dia é bom, você vê muita coisa porque tem servidor público.... Tem muita gente que faz acontecer, que faz chegar a política lá na ponta para a população. Isso modifica nossa vida sim no dia a dia, de como ver as coisas. Como jornalista também mudou meu jeito de pensar e escrever. É diferente, não é mais radical, tem um pensamento bem diferente... Poxa, eu vejo pelo lado da identidade, eu não vejo mais só pelo lado do Ministério como penalizar... Mudou porque eu quero ser servidora pública depois disso, vou atentar para isso, não sei se trabalhar com política pública, mas é trabalhar com o público, fazendo alguma coisa para a população. Sei lá, mudar a vida de alguém, sim, ser importante na vida de alguém, mudar a vida de alguém.

M.M. – Como você vê o jornalismo trabalhar com essa lógica, pensando no esporte e no lazer. Como foi esse reconhecimento com a própria compreensão do que era esse esporte, esse lazer?

W.M. – Foi difícil porque eu não sou muito de esporte, eu não pratico nenhuma atividade física. Eu não sei falar nada sobre esporte e lazer, mas ao longo dos anos nove anos que eu trabalho no Ministério eu aprendi. E hoje em dia eu acho que é um dos mais legais que tem de as pessoas estarem na Educação Física e tem toda aquela confraternização para as pessoas e eu acho super legal.

M.M. – Tem algo que a gente ainda não te perguntou, mas você acha que seja que foi muito significativo de ficar registrado dentro da sua experiência profissional o PELC?

W.M. – Da minha experiência? Eu não sei, a gente fica tão preocupada na hora da entrevista e tudo some...

M.M. – Você falou de nove anos no Ministério. Você acredita que conseguiu ter um desenvolvimento bom e que experiências foram bem complicadas?

W.M. – Eu tive uns muito bons no Nordeste que finalizaram. Em Goiás, que foi muito bom... Ele mandava foto, criou o blog do convênio e mandava foto, tudo bem legal. Tem outro no Nordeste, eu não sei te dizer o nome, e posso dizer esse foi ótimo...

M.M. – E essa lógica que está entrando agora que é a questão da EAD⁷, qual é a sua opinião sobre isso?

W.M. – Ótimo! Eu já fiz EAD. Quando saiu o primeiro módulo eu fiz e gostei bastante. Só a plataforma era um pouco falha, ruim, mas eu acho que estava iniciando era o piloto. Eu acho isso totalmente válido e hoje não sei como está. Eu confesso que eu não entrei mais, não me inscrevi para os novos módulos... Faz diferença na formação com a entidade e com

⁷ Educação a Distância.

certeza forma mesmo. Quando eu estava realizando o módulo - eu só não fui até o final acho por causa disso da plataforma que era ruim - aí eu não sabia onde anexar as coisas direito. Eu ficava penalizada por um módulo que eu não fiz. Fiz, mas eu não coloquei no lugar certo, sei lá o que aconteceu, mas eu acho que as perguntas são bem legais que eles fazem pensar mesmo. Se tem no seu Município ao seu redor acontecendo aquele tipo de atividade que às vezes a gente nem sabe que tem, mas que faz pensar. Eu acho que é bem legal e, lógico, a entidade que a gente não tem recurso de formar ao longo da execução do convênio todos os meses, pegar a EAD e transformar... Eu não vou dizer obrigatório, mas como uma parte do desenvolvimento do convênio seria bem legal, sabe? Não obriga, mas sugeri sempre a importância para eles se interessarem e poder desenvolver a EAD.

M.M. – Wanessa muito obrigado pela sua disponibilidade em conceder esta entrevista.

A.F. – Tem alguma coisa que a gente não perguntou e tu gostaria de acrescentar? Que você acha que é importante falar?

W.M. – Agora eu não consigo, mas se eu lembrar de alguma coisa eu mando digitado para vocês.

M.M. – Está ótimo, muito obrigada mesmo!

W.M. – Obrigado!

[FINAL DA ENTREVISTA]